

# SOCIEDADE PAULISTA DE LEPROLOGIA

## 51.ª REUNIÃO ORDINARIA — 14-1-1939

Com a presença dos representantes dos exmos. snrs. Interventor Federal e Secretario da Justiça, respectivamente snrs. drs. João Paulo Vieira e Maximiliano Ximenez e dos socios drs. Flavio Maurano, Raul do Valle, Moacyr de Sousa Lima, Argemiro Rodrigues de Sousa, Duarte do Pateo, Marcello Guimarães Leite, Milton Tavares, Murilo de Oliveira, Francisco Ursaia, Luis Marino Bechelli, Antenor Gandra, Oscar Leite Alves, Nestor Solano Pereira, José Correia de Carvalho, Sebastião Carlos Arantes, Nelson de Sousa Campos, Dirceu Godoy Araujo, José Felipe de Camargo Barros, Francisco de Salles Gomes Junior, Moacyr Porto, Gil de Castro Cerqueira, João Baptista Zochio, João de Moraes Junior e Antenor Consoni, cujas assinaturas constam da Ata da Assembléa Geral Ordinaria que a esta antecedeu, foi aberta pelo snr. Presidente dr. Luis Marino Bechelli, secretariado pelo dr. João de Moraes Junior, a 51ª Reunião Ordinaria, que se realizou no dia quatorze de Janeiro de 1939 no salão de conferencias do Instituto Conde Lara. No expediente, é lido pelo secretario o seguinte officio: "Centro Internacional de Leprologia. Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1939. Illmo. Snr. Dr. Luis Marino Bechelli. Acabo de receber a comunicação de sua eleição para Presidente da Sociedade Paulista de Leprologia e peço por isso receber meus efusivos cumprimentos por si e pela Sociedade que terá com certeza um perfeito continuador da brilhante ação dos anteriores. Tenho o prazer comunicar que conforme prometi á Sociedade, fiz figurar no orçamento deste ano urna verba destinada a conceder a dois peritos do Centro, membros da Sociedade, os drs. Lauro de Sousa Lima e Argemiro de Sousa, uma pequena ajuda de custo de 500\$000 mensais a cada um, de modo a facilitar a continuação das pesquisas que ambos já vêm fazendo sobre o assunto que interessam nossas atividades comuns. Como talvez já seja do seu conhecimento, o acôrdo do Centro com Sociedade das Nações deverá terminar a 12 de Junho proximo. Pensando tambem no acôrdo que temos em relação á publicação da "Revista Brasileira de Leprologia", fiz figura no orçamento a verba total de 12:000\$000, afim de permitir nossa contribuição integral, que poderá ser antecipadamente recebida pela Revista. Penso assim poderemos ulteriormente decidir sobre o assunto, tendo eu em mente conseguir do Governo Federal ou particularmente uma contribuição que favoreça a Revista, o que só tratarei de fazer, entretanto, depois de obtida a aquiescencia da Sociedade, mediante prévio entendimento. Peço ao prezado colega o obsequio de fazer chegar tudo o que acima ficou dito á comissão incumbida de tratar comigo desse assunto, assim como aos drs. Salles

Gomes e Nelson de Sousa Campos e, naquilo a que elles se refere, aos drs. Sousa Lima e Argemiro de Sousa. Renovando ainda os meus aplausos á sua nomeação, subscrevo-me com grande estima e consideração. (a.) Ed. Rabello. Diretor."

### **FERNÁNDEZ, J. M. M.**

Passando-se á Ordem do Dia, é dada a palavra ao dr. J. M. M. Fernández, que falou sobre "O valor da injeção sub-cutanea do leprolin no diagnostico de certas formas de lepra". Diz ter efetuado injeções sub-cutaneas de leprolin, nas doses de 1 a 1,50 c.c. a enfermos de lepra do tipo L e N e a pacientes portadores de lupus vulgar, lupus eritematoso e dermite artificial. Verificou o seguinte: 1.º A injeção de leprolin provoca nas 24 horas, nos casos de lepra tuberculoides, uma reativação intensa de todas as lesões preexistentes, as quais se tornam eritematosas e congestivas; provoca tambem uma reação geral, com temperatura, artralgias e sensação de mal estar e finalmente uma reação local, dolorosa, no lugar da injeção. 2.º Nas formas leptomatosas, a injeção de leprolin, nas doses assinaladas, não provoca reação alguma. 3.º Nos casos de lupus vulgar, lupus eritematoso, dormite artificial, a injeção sub-cutanea de 1,50 c.c. de leprolin produz nas 24 horas uma discreta reação geral e uma reação local no lugar da injeção, não provocando nenhuma reação focal ao nivel das lesões existentes. Estas observações induzem o A. a sugerir o emprego do leprolin, por via subcutanea na dose de 1 ou 1,50 c.c. como prova de diagnostico diferencial entre as formas tuberculoides de lepra e certas dermatoses, principalmente aquelas de etiologia tuberculosa, como o sarcoide de Boeck, com as quais a diferenciação clinica, histopatologica e bacteriologica é, ás vezes, impossivel. Discute o trabalho o dr. Nelson de Sousa Campos que após citar um caso e fazer varias considerações corrobora as conclusões do A.

### **RODRIGUES DE SOUSA, A.:**

Fala a seguir o dr. Argemiro Rodrigues de Sousa sobre "Coexistencia de lepra e lipomatose simetrica". Esse trabalho é publicado na integra no presente numero. Antes de dar a palavra ao dr. José Maria Gomes, que como convidado ia falar sobre "Três meses de tratamento da lepra pelo Alton", o sr. Presidente adverte que, embora inscrita como nota previa, a comunicação seria posta em discussão, de acôrdo com o que dispõe o paragrafo 3.º do artigo 17 dos Estatutos.

### **GOMES, J. M.:**

A seguir o dr. J. M. Gomes fala sobre "Três meses de tratamento da lepra pelo "Alfon". Começa dizendo que o sr. dr. Interventor Federal poz á sua disposição, para experiencias, um dos leprosarios do Estado. Falando sobre o "Alfon", diz tratar-se de um carotenoide, provavelmente o Caroteno 3 beta. Dá a composição e o modo de aplicação, acrescentando que as aplicações por infiltração estão sendo abandonadas, devido ás reações que provocam. Cita os casos, como insuficiencia cardio-renal, velhice avançada, afecções graves do aparelho respiratorio e do figado, em que o tratamento não deve ser feito e que as lesões oculares exigem muita cautela. Reconhece ser ainda cedo para conclusões definitivas. Fez experiencias em 332 doentes do Asilo-Colonia Santo Angelo, dos quais 221 ou 66,56 %, sem contar os que se encontravam em reação leprotica aguda, não faziam tratamento pelos esteris de chaulmoogra. Não vai se deter, por se tratar de uma revisão preliminar, no número e aspecto das lesões, nem nos disturbios da sensibilidade. Prestou muita atenção aos fenomenos gerais, como tolerancia, estado geral, boa disposição e sono reparador, que considera como muito importantes. Lê sumariamente cerca de uma vintena de observações, lendo

por extenso o nome dos doentes, afim de que os medicos de Santo Angelo, que acompanharam as experiencias, possam reconhecer os seus doentes, detendo-se quasi que somente nas cifras termometricas, ponderais e indice de sedimentação. Passa a fazer comentarios sobre os fatos clinicos, fala no aparecimento, após o inicio do tratamento, de eritemas vultuosos, elevação de temperatura que vai de 37 a mais de 39° e erupções que diz serem efemerias, durando na maioria dos casos uma semana. Outros fenomenos que observou: artralguas, nevrites e parrestesias. As recidivas, que se dão nos primeiros meses, são comparaveis — diz o A. — á reação de Erxheimer e ao biotropismo de Milian. A proposito, cita um trabalho publicado no "Brasil Medico" de Janeiro corrente, bordando ligeiras considerações sobre experiencias feitas em ratos, e estabelecendo relações diz interpretar esses eritemas como fenomenos favoraveis. Fala em ruturas de nodulos antigos e recentes, dizendo que em certos doentes a rutura foi tão copiosa que precisou enfaixar os membros para evitar a disseminação dos germens. Diz que a cicatrização é completa e fala em doentes que com mascara bronzeadada, acinzentada e arroxeadada voltaram á cor natural em 2 ou 3 meses. Diz ter notado a formação de nodulos cartilagosos, comparaveis aos de Lutz-Jeanselme. Sob a ação do caroteno — continúa — os nervos espessados voltam ao normal e tornam-se indolores. Refere o amolecimento dos edemas duros, crises de sudorese e crescimento rapido de pêlos. Sobre as lesões oculares, diz que ás primeiras injeções os doentes que sofrem da vista acusam alguma turvação, mas depois melhoram e afirma que muitos individuos que jaziam nas enfermarias mergulhados nas trevas acham-se hoje entregues a pequenos trabalhos. Falando sobre a reação leprotica, diz que 14 doentes estavam acamados e todos, menos uma que foi excluiria do tratamento por ser nevropáta, melhoraram em poucos dias. Cita um doente em que á segunda injeção caiu a febre e cessaram as dores. Nos casos em que os fenomenos agudos não cediam, os clinicos do hospital verificavam uma das intercorrencias já citadas e nesses casos suspendia o tratamento antileprotico. Refere que durante todo o tratamento não fugiu um só doente do hospital, quando em um só ano fugiram 103 doentes. Acha que ainda é cedo para falar em resultados bacterioscopicos, mas como o exame de muco nasal tem grande importancia sob o ponto de vista profilatico sendo a fonte natural de eliminação mais frequente e rica em bacilos constituindo um indice de impregnação infecciosa, refere que dos doentes em experiencia, 56 já vinham tendo, com alternativas de positividade, exames negativos, subindo esse numero agora a 116, tendo havido 19 recidivas. Diz que a esses exames negativos correspondem francas melhoras clinicas. O estudo da morfologia dos bacilos irá constituir assunto para um outro trabalho. Diz que as mulheres retem melhor o caroteno. Em relação ao estado geral, fala sobre o peso, temperatura e indice de sedimentação, reconhecendo que este tem somente valor individual. Á medida que as lesões decrescem, com o tratamento, notam-se melhor aeração pulmonar, sono reparador, bom apetite e melhor resistencia ao trabalho. Afirma que nenhum medicamento em sua experiencia, que diz não ser pequena, deu em tão curto tempo resultados tão notaveis, havendo modificações verdadeiramente dramaticas em alguns pacientes. Diz que as melhoras por ele verificadas impõem a entrada do "Alfon" nos leprosarias, já que sua indicação se evidencia na febre leprotica, nevrite e nos casos de intolerancia pelo chaulmoogra. Agradece a seu prezado amigo dr. Manoel de Abreu as facilidades que lhe proporcionou, bem como aos clinicos de Santo Angelo que acompanharam suas experiencia e termina agradecendo ao professor Paula Sousa por lhe ter dispensado do trabalho rotineiro no Instituto de Higiene.

### **MORAES JR., J.:**

A seguir, o sr. Presidente põe em discussão a comunicação do dr. J. M. Cicmes. Pede a palavra o dr. Moraes Junior que inicia a discussão, dizendo ter ou-

vido, com religiosa atenção a comunicação do ilustre leprologo patricio que, hoje, pela segunda vez, honra com sua presença o recinto em que, modestamente e sem maiores pretensões do que trabalhar por nossa terra e pela nossa gente, se reúnem os socios da Sociedade Paulista de Leprologia. Por essa unica razão, pede permissão para fazer algumas considerações sobre o trabalho que acaba de ser apresentado. Embora não possuía — diz o dr. Moraes — o tirocinio e a cultura do autor, os cinco anos de contacto com os nossos infelizes patricios internados nos nossos modelares leprosarios justificam a sua interferencia nessa questão. Dessa experiencia de cinco anos e do estudo minucioso dos trabalhos já efetuados nesse setor, natural e explicavel o certo cepticismo com que recebe qualquer tentativa nova feita no terreno escorregadio da terapeutica da lepra, embora procuremos dar sempre a nossa franca e leal colaboração, da qual é testemunha o dr. J. Maria, seguindo aliás com o maior prazer as diretrizes traçadas pelo grande animador da luta antileprotica em nosso Estado, o nosso estimado chefe, dr. Salles Gomes, e procurando seguir a orientação do eminente mestre e ilustre amigo prof. Aguiar Pupo, áqueles que unicamente com fim científico e humanitario, se propõem a tentativas destinadas a minorar os sofrimentos dos milhares de paulistas que, graças á solicitude de nosso patriótico governo, encontram um refugio nos asilos-colonias do Estado. E dai tambem — continúa o dr. Moraes — desprezar sempre os fenomenos subjetivos pelo conhecimento da psicologia do leproso que só pode ser vislumbrada pelos que, como nós os medicos de leprosario, procuram se irmanar com os doentes, compartilhando de suas esperanças e de suas tristezas. A proposito, cita trechos de Luis Jimenez, publicados no n° 5, de 1938, do "Giornale Italiano di Malattie Tropicali". em que esse autor diz ter observado, confirmando a opinião do orador, que os leprosos sempre "pedem um novo remedio ou droga que paralise a ação mutilante do bacilo de Hansen" e que "estes enfermos se submetem voluntariamente a novos tratamentos". Fala a seguir rapidamente sobre a questão das vitaminas A, como agentes especificos no combate á lepra. Diz tambem ter extranhado que tendo 86 doentes de sua turma em experiencia com o dr. J. M. Gomes, haja este citado apenas uma. Continuando diz o dr. Moraes que vai se limitar a contribuir com os resultados verificados em 86 doentes de sua clinica feminina de Santo Angelo, embora ressalve que não responsabilisa o novo medicamento nem pelas melhoras, nem pelas peóras verificadas, pois crê que em três meses conclusão alguma se pode tirar e que somente comunica estes resultados parciais por ter o dr. J. M. Gomes anunciado em urna Sessão da Secção de Pediatria da Ass. Paulista de Medicina, dois dias antes realisada, resultados promissores verificados com a nova terapeutica na lepra, principalmente, na reação leprotica e á vista dos resultados parciais agora apresentados. Trás, pois, os resultados verificados em cuidadosas revisões feitas em 86 doentes que voluntariamente se submeteram ás experimentações ora em discussão, deixando de lado outras doentes que, encaminhadas pelo dr. J. M. Gomes, passaram a comprar o medicamento ainda em experiéncia e a fazer o tratamento sob a responsabilidade do experimentador. Das 86 — continúa o dr. Moraes — 85 eram portadoras de lepra mista e 1 de lepra nervosa pura. Dessas, uma apresentando dermalgias extensas e rebeldes, de motu proprio e com aquiescencia do dr. J. Maria, abandonou o tratamento após 15 dias. Outra não o terminou, por ter sido transferida para o Sanatorio Padre Bento. Das 84 doentes restantes, apresentaram ligeira melhora 13, ou seja 16 %; o estado permaneceu estacionario em 37, ou seja 44 %, e pioraram 34, ou seja 40 %. Das doentes em experiéncia, 24 estavam em reação leprotica ao iniciarem-se as experiéncias. Dessas, 13 permanecem ainda em reação, sem melhora, ou seja 55 %; 3 apresentaram exacerbação do surto eruptivo inclusiva um caso de violenta nevrite cubital, ou seja 12 %; estão com o surto em declínio, ou seja 29 % e em 1 caso a reação desapareceu, ou seja 4%. Já estavam com o surto em franco declínio, ao iniciar-se a experimen-

tação, 11 doentes. Dessas em 3, ou 27 %, houve exacerbação do surto, inclusive um caso de nevríte cubital; em 7, ou seja 64 %, o declínio continuou, sem no entanto cessarem totalmente as manifestações eríptivas, e em 1 caso verificamos cessação da reação leprotica, ou seja 9 %; 49 doentes não apresentavam reação leprotica ao iniciarem o tratamento; 45, ou 92 %, continuam sem alteração e 5 doentes, ou seja 8 %, apresentaram surto eruptivo, em um caso havendo nevríte de ambos os cubitais. Era o que desejava dizer à Sociedade — conclue o dr. Moraes — para justificar a descrença com que continúa a encarar o novo tratamento, somente atenuada pelo nome do colega que à sua frente se colocou, mas que os fatos concretos e despidos de interesse de qualquer ordem que acaba de relatar, bem como o trabalho que acaba de ouvir, não são por certo de molde a, por emquanto, modificar.

### **COSTA VALENTE, E.:**

Pede a palavra a seguir o dr. Edison da Costa Valente, que, depois de fazer suas as palavras do dr. Moraes Jr., refere que nos 58 doentes de sua clinica de Santo Angelo, em tratamento pelo "Alfon", 32 não sofreram alteração, 20 pioraram e 6 melhoraram. Essas alterações notadas se referiam tão somente a lesões dermatologicas. Sobre a alegação feita pelo dr. J. M. Gomes da melhora do doente J.A.L., disse sentir não poder concordar, porquanto em sua ultima revisão dermatologica, feita precisamente na vespera, verificára grande aumento de tuberculos no paciente. Concorda, porém, com a melhora de G.D.B., dizendo ter sido observado após violenta reação leprotica que o prostou no leito. Verificou fato identico em outro doente, de cujo nome não se recorda no momento. Quanto aos surtos de reação leprotica, não notou, a não ser nos dois casos mencionados, influencia alguma do medicamento. Os que com eles estavam, com eles ficaram, notando pequenas modificações na intensidade, ora para mais, ora para menos. Nenhuma melhora bacteriologica notou nos exames de lesões cutaneas e de muco nasal: lesões que eram negativas passaram a ser positivas para em seguida se negativarem novamente; outras continuaram negativas, outras positivas, etc. etc., como acontece aliás com grande numero de doentes em tratamento de rotina. Em um doente, entretanto, que vinha tendo durante 11 mezes seguidos resultados negativos do muco nasal passou a tê-lo positivo em novembro ultimo. Por fim, notou que 10 doentes tiveram ulcerados grande numero de tuberculos.

### **VESPOLI, M. A.:**

A seguir, com a palavra o dr. Miguel Vespoli, diz que das 62 revisões feitas nos doentes de sua clinica em Santo Angelo, que se acham em tratamento pelo "Alfon" e sob os cuidados do dr. J. M. Gomes, verificou 11 ligeiramente melhorados, 19 estacionarios e 32 peorados. A maioria desses doentes achava-se anteriormente em tratamento pelos estereres de chaulmoogra. Discorda da afirmação do autor, de que as reações leproticas causadas pelo "Alfon" são consideradas como parte integrante e benefice desse tratamento. A nós — diz o dr. Vespoli — tal não nos parece, uma vez que as reações leproticas surgem com ou sem tratamento de qualquer especie e os resultados que delas se obtêm são mui diversos, melhorando ou prejudicando o estado geral dos pacientes. Quanto às nevrites, verificou tambem que as mesmas não eram beneficiadas por esse tratamento; por outro lado, em doentes em tratamento pelo "Alfon" verificou o aparecimento de nevrites, com concomitantes amiotrofias nos territorios correspondentes aos nervos lesados. Com isso não quer dizer que as mesmas tenham sido produzidas pelo referido tratamento. O A. cita — prossegue o dr. Vespoli — o aumento de peso verificado em doentes em experiencia. No entanto, o mesmo verificamos com todos os tratamentos racionais, principalmente com

o oleo de chaulmoogra. Rebatendo os fenomenos subjetivos tão apregoados pelo A. sentimos não poder levar os mesmos em consideração e para tanto citaremos, a titulo de illustração, o caso de um doente que uma hora após a primeira injeção de 5 c.c. de alfon "experimentou melhoras acentuadas". Quanto aos exames bacterioscopicos — continua — apresentaram os mesmos resultados anteriormente verificados, conforme o dr. J. Maria poderia ter verificado em nossos arquivos. Disse o autor da comunicação que as fugas, tão frequentes nos lepro-sarios, durante as experiencias com o "Alfon" não mais se verificaram. Não nos causa espanto tal fato — diz o dr. Vespoli — pois o aneio pela liberdade faz parte integrante do individuo e é porisso, embora todo o conforto apresentado pelos asilos-colonias, que ainda se verificam fugas. Que os doentes agora não fujam, é perfeitamente explicavel e mesmo muitos deles têm se apresentado espontaneamente nos lepro-sarios, ávidos de uma cura tão apregoada peia imprensa e pelo radio. Aliás — conclue o dr. Vespoli — fenomeno identico foi verificado durante a permanencia de Frei Ivo no Asilo-Colonia Santo Angelo.

### **CASTRO CERQUEIRA, G.:**

A seguir, fala o dr. Gil de Castro Cerqueira. Diz que ha cerca de 4 meses vem sendo tentado em Santo Angelo um tratamento experimental da lepra pelo distinto colega dr. J. M. Gomes. O entusiasmo indescritivel e inenarravel que se apoderou dos pacientes ali internados, mesmo muito antes do tratamento ser conhecido e iniciado, vem revelar o estado de espirito dos internados nos asilos, campo fertil ás experimentações bem dirigidas. Nós mesmos — diz o dr. Gil — não escapamos do contagio desse entusiasmo, em parte levados pela figura du experimentador, em parte levados pela idéa de que alguma cousa se apresentava com visos do bem coletivo e por se tratar ainda mais de pacientes sob nossos cuidados profissionais e deveres funcionais. Não pretendemos, não desejamos — continúa o orador — não queremos fazer o historico do que têm sido esses quatro mezes de experiencia, porque seria desfiar um longo rosaria de desagradados e desenganos morais. Realmente, as propagandas descabidas, as afirmações inconcebiveis, as entrevistas fóra de tempo, os abaixo-assinados, as promessas, as ameaças e as irradiações daqui e de fóra adréde preparadas sobre um medicamento ainda em inicio de experimentação e muito antes do seu experimentador se pronunciar levam-nos a profligar veementemente e a deplorar que deste modo a sã serenidade do ambiente do illustre experimentador houvesse sido tão brutal e grosseiramente perturbada. E' um protesto — diz ainda o dr. Gil — que fazemos e que conosco ha de concordar o illustre colega. Acompanhamos, vimos seguindo de muito perto esse tratamento experimental e durante esses quatro mezes cumprimos fiel e cavalheirescamente todos os ditames da Deontologia Medica. E, mesmo hoje, não desejamos e não pretendemos perturbar e desfazer os interesses e as esperanças de quem quer que seja. Mas — prossegue o dr. Gil — chamados a opinar aqui, livre de coações, neste recinto que tem um nome a zelar e onde trazemos as nossas idéas, as nossas esperanças e mesmo constantemente as nossas amarguras scientificas, permitam-nos franqueza e sinceridade. Acompanhamos, como dissemos, as experiencias do illustre colega e ouvimos as suas apresentações que desejaríamos, que esperavamos mais completas, detalhadas e minuciosas, perfeitamente comprobatórias das suas asserções para podermos discuti-las com o interesse que nos merecem o experimentador e o experimento, baseados nas razões de justiça e no puro espirito de humanidade. Isso se tornaria desnecessario porque si fossemos discutir o trabalho do nobre colega pelo que ouvimos e pelo que presenciemos nos pacientes, chegaríamos á conclusão, talvez injusta mas explicavel, de que tecnica e cientificamente o trabalho do colega é imperfeito, ressentido-se de falhas porque, recordando-nos do que vimos e ouvimos, podemos concluir que de quase 100 doentes nossos em tratamento pelo "Alfon", a maioria nenhuma modificação benefica sofreu, que se

pudesse atribuir ao medicamento, enquanto alguns outros tiveram nitidas peoras que se podem perfeitamente atribuir á medicaçáo. Aliás — prossegue o orador — o nobre colega teve a franqueza de em tempo fazer a ressalva de que o tempo de tratamento era pequeno. Realmente, quem se dedica á especialidade, sabe o que são três ou quatro mezes de tratamento numa molestia cronica que tem a interromper a sua marcha agravos e remissões espontaneas ou com tratamento. Realmente, das doentes nossas que o dr. J. M. Gomes cita — O.R., M.M., E.L. não podem ser consideradas curadas porque si o illustre colega houvesse se dado ao trabalho de rever o arquivo que possuímos no Asilo iria verificar que essas remissões são constantes e têm sido varias vezes verificadas. Quanto á paciente A.B.C. deve haver uma confusão, uma interpretação erronea porque esta doente que teve uma nevríte dupla nos cubitais com amiotrofiás dos antebraços e mãos, febre alta, etc., já estava em franco declínio, já se apresentava com os fenomenos agudos desaparecidos, como se poderá verificar do arquivo, quando se iniciou o tratamento pelo Alfon. As remissões e a cessação das dores nos doentes de reacção leprotica — continúa o dr. Gil — ás vezes passam sem o minimo medicamento. Quanto á parte bacteriologica — si o colega tivesse consultado os nossos arquivos do Asilo, teria tido a occasião de verificar que essas negatividades e positivities nenhum valor têm porque são frequentes na vida dos pacientes. Ás vezes, após uma longa negatividade — conclue o dr. Gil — surge uma positividade e vice-versa, sendo essa a razão porque o Serviço de Profilaxia da Lepra, no novo regulamento de altas, ampliou as exigencias do numero de exames negativos, juntamente com a ausencia de lesões clinicas ou cutaneas.

#### **RODRIGUES DE SOUSA, A.:**

Pede a palavra o dr. Argemiro Rodrigues de Sousa que diz que o illustre leprologo patricio partiu de um principio scientifico para se apoiar nas considerações terapeuticas que acaba de relatar. Porem essas experiencias "in anima nobile", parece, colocam-nos em uma fase, por emquanto, de pura expectativa. No Asilo-Colonia Pirapitinguí, tem sob seus cuidados — diz o dr. Argemiro — tratando-se com o "Alfon" cerca de 100 doentes. Em um mês e meio de experiencias a conclusão que pode tirar é a seguinte, embora a precariedade de tempo não permita conclusões concretas: alguns melhorados, a mór parte inalterados e outros peorados. O medico interno de Pirapitinguí — refere o dr. Argemiro — nosso colega dr. Anibal Garcia, empregou tambem o "Alfon" em doentes acamados, em periodo de reacção leprotica sub-aguda ou cronica; notou logo ás primeira injeções, absorção rapida dos infiltrados sub-agudos, mas, cousa curiosa, os doentes, em numero de 4, peoraram e o exito letal não se fez esperar, verificando-se no prazo de poucos dias. Contudo, torna a afirmar que o periodo de observação é escasso para uma molestia de evoluçáo tão cronica.

#### **AMENDOLA, F.:**

Pede a seguir a palavra o dr. Francisco Amendola. Começa dizendo que não podia silenciar sobre o assunto em debate por ter o dr. J. M. Gomes referido como resultado do tratamento pelo "Alfon" a cura e doentes dos olhos e que os mesmos deixaram de sofrer, "saindo das trevas para o trabalho". No entanto, os doentes durante o tratamento pelo "Alfon" têm sido continuamente enviados á clinica oftalmologica de Santo Angelo, que dirige, apresentando-se todos com reacção ocular, quasi sempre com carater agudo. Ha doentes que nunca tiveram reacção ocular e que, no decurso do tratamento pelo "Alfon" se apresentaram ali pela primeira vez com reacções para o lado dos olhos. Haja vista — diz o dr. Amendola — a doente para quem, dois dias antes da sessão o dr. J. Maria solicitara a sua assistencia e que fora encontrar na enfermaria com reacção super-

aguda. Além desta, outras doentes lá estavam e que se não apresentaram á consulta, temerosas que o orador lhes suspendesse o tratamento pelo "Alfon", apesar de — diz o dr. Amendola — nunca o ter feito. Nas fórmas crônicas, em que a evolução das formas oculares é muito lenta e que são só observáveis após um ano ou mais a despeito das informações dos doentes, não encontrou — conclúe o dr. Amendola — modificações benéficas nos pacientes.

#### **SOUSA LIMA, M.:**

Pede a palavra o dr. Moacyr Sousa Lima para dizer que a negatividade do muco nasal, nos casos apresentados pelo Dr. J. M. Gomes, não tem valor, visto os doentes usarem um antiseptico nasal com base de oleo de oliva. TAUB demonstrou que os sais de sodio dos acidos graxos são desfavoráveis aos bacilos acido-resistentes, mesmo na diluição de 1 por 200.000; aliás este fato é conhecido dos doentes de leprosarios, que se utilizavam de um antiseptico nasal nas vespéras da colheita do material, obrigando a direção do Serviço de Lepra a proibir o uso destes antisepticos.

#### **GANDRA, A.:**

A seguir, o dr. Antenor Gandra diz ter acompanhado com grande interesse a exposição do ilustre colega sobre as experiencias que vem realizando com o "Alfon", no nobre intuito de contribuir para o aperfeiçoamento da terapeutica da lepra. Notou, entretanto, que o dr. J. M. Gomes, para o efeito de obter dados bacterioscopicos que documentassem suas conclusões, deu preferéncia á colheita do material do muco nasal, sob o fundamento de que a mucosa nasal é a fonte natural de eliminação mais frequente e rica em bacilos. Quer trazer sua contribuição a essa questão e o faz com a experiencia de 315 doentes do Posto que dirige. Não só as observações de todos os autores invalidam aquela asserção, como também as observações que tem feito nos doentes sob os seus cuidados vêm em abono do conceito geralmente aceito. Assim é que, fazendo a colheita mensal sistematica de muco e lesão em todos os seus doentes, verificou uma porcentagens muito maior de individuos com lesão positiva, em relação aos que apresentam muco positivo. Estes constituem uma rara exceção, ao passo que os outros são frequentissimos. Os doentes bacterioscopicamente positivos geralmente apresentam 40, 50 ou mais exames de muco negativo, contrariamente aos exames de lesão, que se apresentam em series intercaladas de positivos e negativos, prevalecendo estes ou aqueles, conforme a tendencia evolutiva. Esses dados estão á disposição do dr. J. M. Gomes no Posto da Séde. Tomaria a liberdade de lembrar ao distinto colega a conveniência de, doravante, não deixar de dar o devido valor á colheita do material das lesões para que, sob o aspéto bacterioscópico, de tão relevante importancia na apreciação da evolução clinica dos casos, as suas experiencias possam oferecer esse informe indispensavel.

#### **SOUSA CAMPOS, N.:**

A seguir é dada a palavra ao dr. Nelson de Sousa Campos. Comece por dizer que a sua atividade no Serviço da Lepra se desenvolve fóra dos hospitais, de modo que somente acompanhou á distancia as experiencias feitas com o "Alfon". Cumprimenta ao dr. J. M. Gomes por mais esta tentativa no campo terapeutico, ainda quasi que completamente aberto a investigações científicas. Mas, ao lado dessa parte científica da questão, já tão amplamente apreciada pelos colegas que trabalham nos hospitais, — prossegue o dr. Nelson — há um outro ponto que deseja focalisar, historiando-o, de modo que os colegas e demais pessoas aqui presentes e que dele tiverem conhecimento apenas pelo noticiario da imprensa possam julgar com melhores elementos. Refere-se á parte propriamente comercial da questão, contra a qual lança aqui seu solene protesto, pela



inoportunidade, pelo aspecto de pura propaganda comercial com que tem sido acompanhada a experimentação e contra todos os preceitos da ética medica. Diz ao dr. J. M. Gomes que as palavras que vai ouvir, seria desnecessario dizer — não lhe são absolutamente dirigidas e nem se referem ao eminente leprologo a quem muito considera. Esta declaração se faz necessaria para que não sejam exploradas depois por aqueles que tem interesse em fazel-o. Fala como medico do Serviço da Lepra, com parcela de responsabilidade na sua organização, para dizer o ponto de vista em que se colocou o Serviço nessa questão do "Alfon". Em 5 de Agosto do ano passado — prossegue o dr. Nelson — recebeu o Diretor do Serviço da Lepra um officio do Diretor do Departamento de Saude, em que submetia á sua apreciação um pedido do dr. J. M. Gomes para continuar em doentes do Hospital de Santo Angelo a experimentação de um tratamento que ele tinha iniciado em ratos, documentando o pedido com o protocolo de suas experiencias e resultados. Esse pedido foi encaminhado ao Diretor do Hospital de Santo Angelo, que pôz á disposição do experimentador doentes, laboratorios e pessoal. Finalmente a 12 de Setembro o dr. J. M. Gomes iniciava em Santo Angelo sua experiencias. Chama o dr. Nelson a atenção dos colegas para a sequencia das datas que vão se seguir e que tem grande importancia para a questão em apreço. No dia 24 — 12 dias após — um jornal publica uma entrevista do autor que se mostrava bastante animado e esperançado, dizendo textualmente as seguintes palavras: (lê) "Era preciso que eu ignorasse o que é a lepra, ou fosse um charlatão, para apregoar resultados que só o tempo é capaz de revelar. Não deixo, entretanto, de estar animado das maiores esperanças. ("Diario da Noite", 24 Setembro 1938)." Dia 27, porém, 13 dias após o inicio do tratamento, a "Folha da Manhã" publica extensa entrevista do fabricante do medicamento e do experimentador. em que as suas esperanças já tinham sido confirmadas: ouçamo-lo, diz o dr. Nelson: (lê) "... os doentes de Santo Angelo — continuou o dr. J. M. Gomes — estão sendo tratados APENAS HA 13 DIAS. E' muito curto o tempo para tão longa doença. Não se pode firmar um juizo exato, principalmente tratando-se de uma doença que tem remissões espontaneas. Em todo caso, observamos nas nevrites e na febre leptotica modificações notaveis, mesmo em individuos que JAZIAM HA MEZES ACAMADOS (sic!). Si o carotene não exercer ação sobre a lepra, além dos fenomenos apontados, já representa uma alta conquista terapeutica, porque as reações leptoticas são os maiores escolhos do tratamento e obrigam muitas vezes os doentes a uma interrupção de mezes e anos". ("Folha da Manhã", 27 de Setembro 1938). Mas, com surpresa de todos que á distancia acompanhavam interessados a experimentação, os jornais do Rio, desse mesmo dia 27, e do seguinte, como que obedecendo a um plano preestabelecido, de evidente propaganda, inseriram e proclamaram os resultados maravilhosos do "Alfon". Não é demais repetir, 13 dias após o inicio do tratamento! Ao mesmo tempo as virtudes e os pretensos resultados eram proclamados pelo radio e logo após, em berrante desrespeito á ética, á razão e á logica, o remedio era já lançado no comercio. De tal modo se tornou intensa a propaganda pela imprensa, e pelo radio que nós, expectadores, — diz o dr. Nelson — ficamos indecisos, sem saber onde terminava verdadeiramente urna experimentação científica e onde se iniciava urna propaganda comercial, de tal modo elas se confundiam. E' pesaroso e profundamente lamentavel que o dr. J. M. Gomes não tenha usado de sua influencia junto ao fabricante do medicamento para que fosse posto um freio a essa propaganda tão descabida quanto inoportuna, e que viria tirar fatalmente grande parte do brilho da sua experimentação. Indiscutivelmente o Serviço da Lépra, com a consciencia de suas responsabilidades, com a responsabilidade da melhor organização de combate á lepra do mundo, não podia se manifestar, antes que o dr. J. M. Gomes apresentasse suas conclusões, viesse dizer e discutir perante as Sociedades Medicas especializadas os seus resultados e que eles fossem confirmados em ulteriores experimentações. Só então esse medicamento poderia ser introduzido ofi-

cialmente no Serviço. Só então cabia ao seu fabricante lança-lo no commercio, caso seus resultados fossem na realidade animadores. Mas assim não compreenderam os seus proprietarios que insistentemente ofereceram e insinuaram a compra do mesmo pelo Serviço da Lepra, por officios dirigidos ao Serviço. Mal succedidos nas suas pretenções, nasceu o "nós queremos "Alfon", cujo introito denuncia evidentemente sua origem. Esse abaixo assinado, ao dr. J. M. Gomes dirigido e por ele encaminhado ao Serviço, serviu de ponto de apoio para nova e intensa propaganda. Um jornal da manhã, que se tornou conhecido pelo interesse demonstrado pelo "Alfon" publicou extenso e longo noticiario, inclusive uma entrevista do Diretor do Serv. de Lepra, que terminou com as seguintes reais e causticantes palavras após historiar a questão: (lê)"Disso tudo se conclue, em poucas palavras, que o Alfon está sendo fabricado e que precisa ser comprado para ser experimentado. Esta Diretoria continúa no seu ponto de vista inicial, permitindo a experimentação por conta do experimentador científico, que solicitou facilidades para a verificação dos seus achados de laboratorio." (Jorn. da Manhã, 15-12-38). Mas não parou aí a propaganda. Até no Exterior, na Alemanha, se levou o resultado de 13 dias de experimentação de um medicamento contra a lepra! "Tal foi, colegas, — conclue o dr. Nelson o lado deselegante da questão; é contra ele que lanço aqui meu protesto, contra a maneira leviana e inteiramente contra a ética com que se procura deturpar os resultados de um remedio em experimentação".

### **CORREIA DE CARVALHO, J.:**

A seguir, pede a palavra o dr. José Correia de Carvalho. Começa dizendo que, como medico do Asilo Colona Aimore's, não podia silenciar em tão interessante debate. Externa seus louvores ao dr. J. M. Gomes pelo empenho que tem demonstrado em contribuir eficientemente para a resolução do magno problema que ainda o é a terapeutica da lepra. Evidentemnte, todo aquele que cuida do tratamento da lepra é digno de elogios. Todavia discorda do dr. J. M. Gomes quanto aos resultados por ele obtidos. Estando em tratamento no Asilo Aimore's perto de 200 doentes, ha dois meses, — prossegue o dr. Carvalho — e pertencendo 48 pacientes á sua turma de tratamento, julga oportuno dar sua opinião, si bem que cedo para um julgamento definitivo. Em seus doentes, o "Alfon" foi aplicado diariamente, na dose de 5 cc. em injeções intramusculares. Ao contrario do que relatou o dr. J. M. Gomes não observou nenhuma reação nem exantêmas novos, mas somente uma ligeira hipertermia. Os pacientes que se achavam em reação leptotica continuaram com ela. De um modo geral, dos 48 doentes tratados, 9 pioraram e 39 permaneceram inalterados. Dos 9 peorados, alguns eram doentes em otimas condições com exame de lesão cutanea negativos, que se tornaram positivos. Quanto à propalada ação do "Alfon" sobre as dores reumatoides e nevrites, infelizmente nada observou. Sobre este assunto — continúa o dr. Carvalho — teve ocasião de conversar com o dr. Argemiro a respeito de um doente transferido de Pirapitingui. Trata-se de A. L., um dos casos mais serios de algias generalisadas na lepra: com o uso de 36 ampolas de "Alfon" não obteve melhora alguma. Antes de deixar o Asilo, no dia 13, tais eram as dores acusadas pelo paciente e afim de evitar o uso de Sedol fez uma infiltração intradermica com histamina, método preconisado pelo dr. Schujmann com otimos resultados. Sobre a contraindicação do "Alfon" nas afecções cardio-renais, foi verificado pelo colega dr. Murilo de Oliveira, que relata um caso de sua clinica, em que a despeito dos conselhos dados o doente tomou "Alfon", vindo a falecer em consequencia. Continúa o dr. Carvalho dizendo que sendo o caroteno beta uma pro-vitamina — o dr. J. M. Gomes diz ser o "Alfon" um carotenoide, possivelmente o caroteno 3 beta — se transforma no figado em duas moleculas de vitamina A sob a ação de um fermento, a carotinase, que só age em presença da tiroxina elaborada pela glandula tiroide. Algumas afecções hepaticas impedem a ação da carotinase, dando em resultado uma avitaminose só curavel com

a ingestão da própria vitamina A. Ora, na lepra, segundo estudos recentes, realizados no National Leper Home — Carville — E. U., em necropsias de leprosos ficou provado que o fígado é um órgão sempre lesado pelo b. de Hansen, apresentando alterações graves. Sendo assim, seria admissível a hipótese que o caroteno não se transformaria em vitamina A nos doentes de lepra. Nos velhos, a ingestão abundante de caroteno não produz os efeitos desejados, tornando-se necessário a administração da vitamina A. Mesmo admitindo a transformação do caroteno beta "(Alfon)" em vitamina A, esta já tem sido ensaiada na lepra sem resultado sobre as lesões observando-se somente melhoras para o lado do estado geral, aumento de peso, etc.. Mas, na lepra — conclui o dr. Carvalho — ha cousas que nos deixam embaraçados: verificamos doentes aumentando de peso, estado geral bom, porem a lepra evoluindo na sua marcha tenebrosa; em contraste, observamos doentes em plena caqueixa, com suas lesões em franca regressão, tomando-se abacilíferos.

#### **MADEIRA, A.:**

Pede a palavra a seguir o dr. Alcantara Madeira. Apoiando as palavras do dr. Nelson de Sousa Campos, lança um apelo ao dr. J. M. Gomes para que intervenha junto aos propagandistas para que cessem essa propaganda "yankee" em torno de um medicamento ainda em experiencia. Termina dizendo que esta propaganda, como está sendo feita, causa serios dissabores até áqueles que, como ele, embora fóra do Serviço, se dedicam á Dermatologia.

#### **VEIGA DE CARVALHO, S.:**

Com a palavra, o dr. Sergio Veiga de Carvalho começa dizendo que fala na qualidade de rinologista do Sanatorio "Padre Bento" e como tal vai proceder á leitura das fichas de doentes seus, dando os resultados após o uso do "Alfon". Lê a seguir 19 observações, concluindo elas pelo aparecimento de tuberculos e outras novas lesões na mucosa nasal de todos os doentes, sem exceção alguma, inclusive em pacientes que anteriormente nada apresentavam. Termina dizendo que os resultados lidos dispensavam comentarios.

#### **ABREU, M.:**

Pede a palavra o dr. Manoel de Abreu que, após varias considerações, justifica porque, como Diretor do Hospital Santo Angelo, permitiu que o dr. J. M. Gomes aí realizasse suas experiencias.

#### **PRESIDENTE: (L. M. BECHELLI)**

O sr. presidente, com a palavra, lamenta não poder dar opinião concreta sobre o "Alfon", pois ha 15 dias está sendo usado, por conta dos doentes, esse novo medicamento no Asilo Colona "Cocais". Nesse espaço de tempo, verificou a elevação de temperatura em quasi todos os pacientes, não verificou influencia benéfica alguma sobre a reação leprotica; ao contrario, em alguns casos, o "Alfon" provocou reação leprotica. Sobre as dores, em alguns casos notou melhora; em compensação, em outros provocou violentas dores. Terminando, elogia o A. pelas suas experiencias e profliga a inoportuna campanha comercial.

#### **GOMES. J. M.:**

O dr. J. M. Gomes novamente com a palavra, começa dizendo sentir profundamente que o ambiente não estivesse ainda preparado para compreende-lo. Que isso vinha revelar o apego ao passado, ao cepticismo e ao desanimo; que tal estado de espirito era contrario a todas as iniciativas construtoras, maxime numa

molestia como a lepra, cujo arsenal terapeutico já havia sido esgotado, não se podendo exigir do chaulmoogra mais do que já tinha dado, de modo que tudo que fosse diferente dos metodos atuais devia ser tentado, amparado e louvado. Faz uma longa recapitulação dos seus estudos sobre a lepra murina e dos resultados obtidos com o seu carotenoide, possivelmente, o caroteno 3 beta, estudos esses ainda não dados à publicidade, o que se verificaria dentro em breve no Brasil Medico. Discorre longamente sobre a ação do seu carotenoide sobre o ultra virus de STEFANSKY cujo poder destroe, conforme verificou. Da intima analogia entre o bacilo de STEFANSKY e o bacilo de HANSEN aproveitou-se para seus estudos atuais. Afirma que o seu carotenoide não tem ação sobre os bacilos acido-resistentes da lepra, para cuja destruição julga oportuno e aconselhavel o chaulmoogra. Diz que a ação do seu carotenoide se exerce exclusivamente sobre os ultra virus do bacilo que destroe, impedindo assim a sua evolução para as formas bacilares, tal como na lepra murina — no bacilo de STEFANSKY. Renova a sua opinião, já anteriormente expendida, de que as primeiras manifestações notadas — exantêmas agudos, eritornas, febres, etc. — observadas nos pacientes submetidos ao seu tratamento são identicos aos fenomenos de ERXHEJMER ou ao biotropismo de MILIAN. Afirma que as discordancias verificadas entre as suas afirmações e as dos seus colegas provêm do modo de interpretar os fenomenos que se passam nos organismos. Que era preciso saber interpretar esses resultados para saber com quem estava a razão. Que o que era peora para os demais colegas para ele era sinal de melhora. Que o aumento da eliminação dos germens, o aumento do numero dos nodulos, dos tuberculos etc., vinha demonstrar, segundo o seu modo de ver, uma melhor defesa do organismo, que assim procurava eliminar os bacilos. Que os nodulos, frequentemente observados por ele nos pacientes submetidos ao seu tratamento ,eram nodulos cartilaginosos, de defesa. Que embora tenha trazido á baila as curvas de hemosedimentação, não dêra a éstas grande importancia, porque, como se sabe, varias causas podem agir sobre elas, modificando-as. Passando a responder aos colegas, diz ao dr. MORAES que deve estar enganado nas suas referencias ás vitaminas. Ao dr. EDISON diz que os tuberculos novos apresentados pelo doente J. A. I. vêm indicar que o seu organismo estava se defendendo melhor porque, segundo a sua opinião, isso traduz melhoria e maior defesa. Que os nodulos apresentados pelos doentes em questão eram cartilaginosos, traduzindo igualmente defesa vitoriosa do organismo porque representam enkistamento dos germens. Ao dr. VESPOLI, diz que somente uma vez em sua vida verificou cura pelo oleo de chaulmoogra "per os", pois ninguem suporta o tal oleo, a não ser que possua um estomago de elefante. Ao dr. GIL promete ser mais detalhado e minucioso na apresentação que pretende fazer futuramente. As observações que apresentou foram algumas das que possui mais elucidativas e interessantes. Discorda do dr. GIL quando atribue o estado das doentes citadas a simples remissões, já anteriormente verificadas nessas mesmas pacientes e esse ponto iria ser verificado futuramente com o seguimento dessas observações, durante o que tinha certa nenhuma recidiva se verificaria. Falando ao dr. AMENDOLA diz que os pacientes que saíram das trevas e estavam fazendo pequenos trabalhos provavelmente não eram seus conhecidos porque, quando isso se deu, o dr. AMENDOLA se encontrava ainda na Europa. Discorda do dr. MOACYR, porque si sua afirmação fosse exata não se explicaria a existencia de exames positivos e negativos. Quanto á objeção do dr. GANDRA, acha que tem razão e, agradecendo-as, vai de futuro realizar pesquisas nas lesões, como muito bem lembrou. Respondendo ao dr. NELSON, diz que este falou sobre dois pontos, dos quais só um lhe diz respeito e ao qual vai responder. Diz ser o "Alfon" um produto regularmente registrado na Saúde Publica, não sendo pois uma medicação de formula secreta e que o emprego do caroteno não é novo em terapeutica. Ao dr. SERGIO diz que tomaria nota das suas observações, que achava muito

interessantes. Diz que á vista dos resultados obtidos, os seus trabalhos irão prosseguir e os resultados finais iriam comprovar mais uma vez e em maior escala as suas afirmações porque nenhum outro tratamento, em tão pouco tempo, trouxe ou proporcionou tão auspiciosos resultados. Julgando ter respondido satisfatoriamente a todos, passa a agradecer a presença dos representantes dos exmos. snrs. Interventor Federal e Secretario da Justiça, da Imprensa e finalmente dos colegas pelo interesse demonstrado pela sua apresentação.

A seguir, o sr. presidente agradece a todos os colegas que apresentaram trabalhos na presente sessão e mais uma vez diz da satisfação da Sociedade por ser honrada com a presença dos exmos. snrs. Interventor Federal e Secretario da Justiça, representados respectivamente pelos snrs. drs. João Paulo Vieira e Maximiliano Ximenes. Avisa aos socios presentes que a proxima sessão será realizada no dia 4 de Fevereiro vindouro. E' encerrada a sessão.

### 52.ª REUNIÃO ORDINARIA — 4-2-1939

Conforme foi anunciado, realizou-se sabado ultimo, dia 4, no Instituto Conde Lara, mais uma sessão mensal desta Sociedade.

O primeiro orador do dia foi o Dr. OSCAR LEITE ALVES, que apresentou um trabalho sob o seguinte titulo: Como organizar e dirigir uma Inspetoria Regional. O A. diz ter dividido a Inspetoria em tres categorias: os doentes de lepra — os comunicantes — os doentes com alta hospitalar. Chama a atenção sobre a necessidade dos ficharios completos e bem organizados, sempre acompanhando as mudanças do fichario geral da Séde. O arquivo da Inspetoria Regional deve ser orientado de acordo com os municipios. Para controle dos doentes com alta hospitalar e para relatorio mensal, o A. chama a atenção dizendo da vantagem de ser o serviço mais regular possivel.

Em seguida foi dada a palavra ao Dr. NELSON SOUZA CAMPOS que apresentou um trabalho em colaboração com o Prof. J. M. FERNANDEZ sobre Resultados da reação de Mitsuda nas crianças dos preventorios (2.ª parte). Influencia do fator "Super Infecção". Os AA. apresentam os resultados da pratica do leprolin-test entre as crianças dos preventorios, comparando-os com os feitos em 1936. Confirmam opinião então emitida de que as crianças com Mitsuda negativo necessitam maior vigilancia. De 9 crianças que se tornaram doentes de 1936 a 1938, todas tinham Mitsuda negativo. Comparam os resultados de 1936 feitos com lepromina preparada pelo metodo Mitsuda-Hayashi com os atuais, preparados pela technica de MUIR, concluindo pela absoluta concordancia de resultados. Deante dos resultados, vão iniciar uma serie de estudos sob o ponto de vista de tratamento dos casos de resultados negativos, bem como de colheita do material pelo schema de CARVILLE procurando assim revelar, se possivel, uma lepra frusta.

Finalmente foi dada a palavra ao Prof. J. M. FERNANDEZ que discorreu sobre o seguinte trabalho: Interpretação e valór da reação precóce provocada pelo "Leprolin" após 48 horas. O A. estuda a evolução clinica e histologica da intradermoreação a leprolin — reacção de Mitsuda — comprovando o seguinte: 1) Nos casos positivos a reação já se define clinicamente após 48 horas, apresentando ao exame histo-patologico a estrutura tipica de uma reação alergica. 2) Apresenta-se sempre negativa nos casos de Lepra tipo "L", variavel nos casos "Ns" e "Na" e intensamente positivo na grande maioria dos casos "Nt". Conclue que a Reação de Mitsuda pôde ser lida após 48 horas já apresentando caractéres clinicas e histo-patologicos de especificidade e que seus resultados coincidem na maioria dos casos com a reação de Mitsuda classica.

Em seguida o Dr. FERNANDEZ anuncia o seu proximo regresso á Argentina, após uma permanência de seis meses em S. Paulo. Agradece as atenções recebidas, fala sobre o nosso serviço de Lepra, considerando-o o mais perfeito do

mundo, o que a seu modo de vêr é devido á sua magnifica direção e organização. Tendo percorrido todos os Centros de Estudo de Lepra do mundo, leva para sua terra a convicção de que para estudar com eficiencia a Lepra em seus multiplos aspetos, somente é possivel no Serviço de Profilaxia da Lepra de São Paulo.

### 53.ª SESSÃO — 11-3-1939

Conforme foi anunciado, realizou-se sabado, 11 do corrente, a sessão da Sociedade Paulista de Leprologia, correspondente ao mez de Março.

Em primeiro lugar, foi dada a palavra á Sra. Dra. HELENA POSSOLO, Chefe do Laboratorio de Quimica do Serviço de Profilaxia da Lepra, que discorreu sobre: Indice de Iodo e Componentes do Oleo de Chaulmoogra. A autora diz que a lepra segundo a opinião de numerosos experimentadores, leprologistas notaveis nacionais e estrangeiros, é uma molestia curavel clinicamente, dependendo todavia, de um diagnostico precoce e tratamento adequado. E de todos os medicamentos experimentados, cuja lista é longa, sobresae o oleo de chaulmoogra e seus estheres como os mais antigos e o que tem dado melhores resultados. Este oleo tem merecido estudos acurados, e nós nos propuzemos a estudar os seus componentes essenciais, assim como as suas constantes fisicas-quimicas dentre as quaes o indice de iodo, o fitosterol na porção insaponificavel e atidos da serie chaulmoogrica. Todas as características e componentes do oleo foram amplamente demonstradas pela A.

Em seguida foi dada a palavra ao Prof. Dr. DUTRA DE OLIVEIRA, Docente de Fisiologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, que pronunciou brilhante conferencia intitulada Vitaminoterapia e Lepra. O A. salienta a influencia da nutrição como base da defesa organica.

Estuda o regime habitual do brasileiro, que considera precario, tendo-se em conta os resultados dos pesquisadores patricios. Cita os trabalhos do Instituto de Higiene de S. Paulo, de VILLELA e SIQUEIRA, do Rio, de MOURA CAMPOS, e investigaçes paulistas. Relata a influencia das carencias vitaminicas, documentando-as com observações clinicas e experimentais. Chama a atenção para a relativa frequencia das disvitaminoses em nosso meio e o beneficio terapeutico obtido das vitaminas. Sugere a possibilidade de seu emprego na Lepra porque as vitaminas apresentam afinidades especificas para os tecidos organicos nos quais as manifestações clinicas desta modalidade nosologica se esteriorisam.